



Mackenzie

Publicação do Instituto Presbiteriano Mackenzie • Ano III • Nº 15 • 2001

**Como se planeja
o futuro do Mackenzie.**

**A pedagogia
mackenzista**

O engenheiro mackenzista Roberto Zuccolo fez tudo em poucos anos de vida

Papo de editor

Quem explica?

Um médico perguntou-nos, recentemente, que tipo de marketing é feito para que o aluno do Mackenzie saia repetindo: “Uma vez mackenzista, sempre mackenzista”

Com que elementos procura-se plasmar a mente e o coração do mackenzista, desde os primeiros passos na escola é a preocupação da matéria de capa da revista **Mackenzie**, edição nº 15, em cuja abertura estão assinalados os cinco princípios básicos da pedagogia mackenzista. É no tranqüilo dia-a-dia, levando pela mão, com todo o carinho, o pequeno aluno, que germina a semente do espírito mackenzista cujo desenvolvimento na mente de cada um, gera o desejo de repetir pela vida afora a conhecida profissão de fé – “Uma vez mackenzista, sempre mackenzista”. Com esse espírito, vários testemunharam:

Roberto Zuccolo, aluno e professor da Escola de Engenharia Mackenzie, tornou-se o maior nome em concreto pretendido no Brasil. Em “Mackenzistas Famosos”, Egle, sua esposa, fala sobre as muitas viagens que fez ao exterior na companhia dele – o homem dinâmico, de mente privilegiada, o pai carinhoso, lembrado com admiração pela família, e tratado com desatenção pelo poder público: a ponte-viaduto que ele construiu e que por decreto do prefeito Faria Lima (1968) deveria ter seu nome, só ganhou o reconhecimento 28 anos depois (1996), período em que permaneceu com o antigo nome de Ponte Cidade Jardim. “Ele adorava seus alunos no Mackenzie”, afirma a também mackenzista Egle.

Paula Canelhas, 24 anos, de volta ao Brasil após seis meses como primeira brasileira a usufruir do convênio entre o Mackenzie e a legendaria Universidade de Salamanca – onde Miguel de Cervantes estudou –, deixa escapar o segredo, no fim da entrevista que concedeu à revista: “Meu sonho é lecionar no Mackenzie!”

Luiz Poças Leitão, 90 anos (nasceu em 20 de setembro de 1911), aluno do Mackenzie de 1918 a 1930 – da Escola Americana aos cursos de Guarda-Livros, depois, de Contador (não havia Faculdade de Economia) –, hoje o visitante mais assíduo, que quase todos os dias anda pelo campus de São Paulo e, nas solenidades, não perde a oportunidade de dar o grito de guerra “Isto é Mackenzie!” – tem sua explicação: “O Mackenzie é como um vírus que entra em nosso sangue e nunca mais sai...”

Outras versões podem ser dadas. Mas, como verdadeira deve prevalecer a que inclui o carinho de que são cercados os pequenos alunos, desde os primeiros anos na Educação Infantil. O trato afetuoso e amigo, ainda que severo, estimula o desenvolvimento da sementinha vermelha que vai gerar mackenzistas, sempre mackenzistas, pelos anos afora. O amor explica!

Nehemias Vassão
Editor

M Mackenzie

Ano III • Nº 15 • 2001

Instituto Presbiteriano Mackenzie
Entidade filantrópica registrada sob o
nº 56.289/65 pelo CNAS
Departamento de Comunicação Social
Rua da Consolação, 930
Edifício Rev. Amantino Adorno Vassão
1º andar – CEP 01302-907 – São Paulo, S
Tel. (11) 236-8634 – Fax (11) 214-2582
E-mail: comunica.social@mackenzie.com

Editor

Nehemias Vassão – MTb 7.251

Colaboradores

Pier Luigi Cabra, Déspina Nogueira
Textos/Revisão

Circulação

Ana Maria Borgheresi

Secretária

Iara Lacerda Lemes

Controle de Marketing

Regina Célia Coatti

Contato Publicitário

Bráulio Cordeiro dos Santos Filho – Supervis
Tels. (11) 236-8753 / 8778 / 8779

Projeto Gráfico e Produção

Campo Visual Comunicação

Diagramação

José de Arimatéia Gomes da Silva (Ari)
Rafael Boccoli Cusato

Fotografia

Wilson de Camargo Rocha / CRT – Mackenzi

Impressão

Marprint Editora

Tiragem

45.000 exemplares

Artigos assinados são de responsabilidade
dos respectivos autores.
Autoriza-se a reprodução de matérias,
desde que citada a fonte.

Mackenzistas famosos

Roberto Rossi Zuccolo



Fez tudo, em poucos anos

Homenagem de São Paulo ao engenheiro mackenzista, considerado o maior nome do concreto protendido no Brasil, ficou vinte e oito anos na gaveta

Quem percorre as ruas de São Paulo percebe todos os contrastes possíveis, típicos de uma metrópole – a mistura de raças, as diversas culturas, o trânsito geralmente congestionado, a ostentação, a violência... Porém, as



A esposa Egle testemunha: “Apesar da vida intensa, Roberto sempre conciliou

avenidas, os prédios e os monumentos da capital paulista escondem histórias de muitos homens empreendedores e pioneiros – muitos deles já falecidos –, que se dedicaram de corpo e alma a construir a grande “miscelânea cosmopolita” que conhecemos hoje.

Um desses pioneiros foi Roberto Rossi Zuccolo, formado em Engenharia Civil pela Escola de Engenharia Mackenzie, em 1946, e considerado o maior nome do concreto protendido no Brasil – com número superior a 2 000 obras assinadas, entre elas mais de 700 pontes e viadutos, além de edifícios, barragens e aquedutos.

Roberto Zuccolo trabalhou com grandes nomes da engenharia e da arquitetura, entre eles o arquiteto Oscar Niemeyer, e seus projetos sempre foram inovadores e de grande beleza, atraindo para o Brasil nomes famosos da engenharia mundial, que para cá vieram a fim de conhecer seus projetos e os da sua equipe.

Entre as obras que fez, destacamos aquela pela qual a cidade de São Paulo,

pouco tempo: a ponte e o viaduto de acesso à Avenida Cidade Jardim que passa sobre o Rio Pinheiros. Com mais de 34 metros de largura e extensão de 387,80 metros, ela foi construída em concreto protendido, sem escoramento, dentro do rio, pelo sistema de balanços sucessivos, a primeira ponte do gênero em São Paulo e a segunda no Brasil.

Por decreto de 1967 do prefeito Faria Lima, ela ganhou o nome de Ponte Engenheiro Roberto Rossi Zuccolo. A ponte, um dos últimos projetos do engenheiro, foi inaugurada em 1968. Conhecida durante muito tempo como Ponte Cidade Jardim, somente 28 anos depois, em 1996, recebeu o nome do engenheiro que a projetou. Hoje está identificada por duas placas – uma indicando o nome antigo, outra com o do autor do projeto.


Roberto Rossi Zuccolo muito contribuiu para a engenharia brasileira, sobretudo se considerarmos o curto período de sua vida. Foram apenas 42 anos, vividos, porém, com garra e dinamismo, reple-

O fascínio do contato com seus alunos, no Mackenzie

Com 25 anos, Roberto ingressou na Escola de Engenharia Mackenzie para ser professor assistente de Estabilidade das Construções e Estruturas Metálicas e de Madeira. Lecionou outras disciplinas como Pontes e Grandes Estruturas de Concreto Armado e Sistemas Estruturais, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Como professor ingressou no Mackenzie em 1949, e aqui permaneceu até 19 de abril de 1967, o dia da sua morte. “Gostava muito de lecionar e não cansava de repetir que jamais deixaria de dar aula. A atividade em si não lhe propiciava rendimentos, pois ele sempre os repassava aos assistentes. O que o fascinava e motivava era o contato diário com os alunos, a possibilidade de transmitir tudo o que ele mesmo havia transposto das salas de aula para a prática diária”, conta, com emoção, Egle Regina Franco Zuccolo, sua esposa. Os dois se conheceram no Mackenzie, onde ela se formou em Secretariado. Sua queixa maior é que o tempo que viveram juntos foi muito curto. “Mas, apesar da vida intensa que a atividade lhe exigia, Roberto sempre conciliou o trabalho com a família. Viajamos muito, a trabalho. Estivemos na Europa, nos Estados Unidos e em alguns países da América Latina”, lembra. De fato, os filhos – José Eduardo, Antonio Carlos, Cláudio, Beatriz, Ricardo, Cristina e Suzana – são unânimes em descrevê-lo como pai atencioso, carinhoso, preocupado em transmitir-lhes os princípios fundamentais do bem-viver, para construir uma sociedade justa, em que todas as pessoas tivessem a possibilidade de se desenvolver.

Como engenheiro, abriu seu escritório, a Roberto Rossi Zuccolo, Engenharia Civil e Estrutural, onde formou profissionais que também se tornaram grandes nomes da engenharia brasileira. Quando o concreto protendido ainda era novidade no Brasil, Zuccolo estudou tudo o que se escrevia a respeito na Europa, e empregou a novidade em edifícios e obras especiais, revelando toda a sua precocidade e genialidade.

Tinha muitas habilidades, uma delas indescritível, citada por seus colegas: a facilidade para calcular “de cabeça” e manejar “régua de cálculo” como ninguém. Muitas foram as marcas deixadas por ele aos colaboradores e colegas. A de maior destaque foi a generosidade. Todos os que trabalharam com Zuccolo, ou freqüentaram suas aulas, fizeram tesouro dos valores que ele incorporou em suas aulas: o respeito aos colegas, ao próximo, a ética, a seriedade no desempenho profissional e o cumprimento rigoroso dos compromissos assumidos.

Hoje, sobre o Rio Pinheiros trafegam milhares e milhares de automóveis e pessoas apressadas, envolvidas com as tarefas do dia-a-dia. O que poucos sabem é que a vida e as obras de Roberto Rossi Zuccolo – um exemplo para os muitos profissionais da engenharia do nosso país – deixaram um grande legado a São Paulo: o orgulho de colaborar com a construção de uma das maiores cidades do mundo. 



Para que a nova placa com o nome Roberto R. Zuccolo fosse colocada na ponte que liga a Avenida Cidade Jardim ao Jockey Club (à esquerda), foi preciso esperar 28 anos. O engenheiro mackenzista fazia tudo bem mais rápido.



Os filhos em duas fases da vida –

